

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: REFLEXÕES SOBRE AS ESTRATÉGIAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE DUAS PROFESSORAS DA REDE PÚBLICA DE FORTALEZA

Maria Geovana Pires Teixeira¹
Rebeca Talia Ximenes Parente²
Maria José Barbosa³

RESUMO

Este trabalho propõe refletir a prática de duas professoras da rede pública de Fortaleza a partir de uma vivência no primeiro semestre de 2018, na disciplina de Alfabetização e Letramento, do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará. Além de discutir concepções de alfabetização e propostas de intervenções nas hipóteses dos educandos na aprendizagem de leitura e escrita exploradas durante a disciplina. Para metodologia deste trabalho utilizamos a pesquisa qualitativa a partir de observações e entrevistas semi-estruturadas. Como aporte teórico utilizamos Ferreiro & Teberosky (1985) e Tfouni (1995) por sua concepção de alfabetização, Coutinho (2005) sobre propostas de atividades para alfabetização, Azenha (1995) e Morais (2005) que versam sobre alfabetização e letramento. Por conclusão, é salientado a importância do engajamento escolar para alfabetização e letramento. Com isso, a concepção dos professores e gestores sobre o assunto permeiam suas práticas e influenciam nos processos de aquisição de leitura e escrita das crianças.

Palavras-chave: Educação, Letramento e Alfabetização, Práticas pedagógicas.

INTRODUÇÃO

As motivações para o presente estudo são fruto das vivências ocorridas no primeiro semestre de 2018, na disciplina de Alfabetização e Letramento, do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará.

Nessa disciplina, estudamos sobre a concepção de alfabetização ao longo da história, desde os métodos até a psicogênese da língua escrita (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985); debatemos sobre alfabetização e letramento, analisando seus conceitos e implicações para a prática do professor; e, por fim, colocamos em prática o que foi estudado em sala com a realização da pesquisa que será apresentada neste artigo.

A citada pesquisa consistia em irmos a campo (uma sala de alfabetização), a fim de observarmos as práticas de alfabetização e letramento nas escolas. Os resultados demonstraram

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará – UFC, geovanapteixeira@gmail.com.

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará – UFC, rximenesp@gmail.com.

³ Professora Dra. Do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará – UFC, mazedbarbosa@ufc.br.

que, apesar dos estudos em relação a alfabetização e letramento, nem sempre conseguimos perceber esses avanços na realidade escolar.

Como metodologia deste trabalho utilizamos a pesquisa qualitativa. Durante a pesquisa realizamos a observação de aulas, em duas turmas do ciclo de alfabetização, incluindo aqui: Infantil V e terceiro ano do ensino fundamental. Realizamos também entrevista semi-estruturada com cada professora das turmas e as coordenadoras das referidas escolas. Por fim, objetivando identificar a hipótese de escrita dos alunos das turmas, fizemos o teste quatro palavras e uma frase (FERREIRO E TEBEROSKY, 1985).

A fim de fundamentarmos nossas reflexões, nos pautamos na concepção de Educação apresentada por Ferreiro e Teberosky (1985). Utilizamos também os estudos de Moraes (2005) e Coutinho (2005) os quais versam sobre as definições de alfabetização e letramento.

Os resultados demonstraram que pouco dos renomados estudos teóricos no campo da alfabetização reverberam no cotidiano escolar, entretanto, não se pode julgar como culpados por essa questão unicamente os professores, já que sua prática pedagógica é resultado de inúmeros fenômenos que se influenciam mutuamente.

METODOLOGIA

Visando contemplar os objetivos propostos, optamos por realizar uma pesquisa qualitativa. Tal escolha se deu por entendermos que é a que melhor atende às demandas da questão a ser investigada, pois, de acordo com Minayo (2001 *apud* SILVEIRA; CÓRDOVA 2009, p. 32)

[...] a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Assim, entendemos que pesquisas desse cunho possibilitam uma visão mais ampla e crítica sobre a questão que pretendemos analisar, algo de grande relevância para pesquisas em Ciências Humanas. Dessa forma, o presente estudo dividiu-se em três etapas: observação da escola, que se deu em um dia; observação da aula, que se deu em dois dias; entrevista com a professora e coordenadora pedagógica; e, por fim, teste quatro palavras e uma frase com as crianças da turma que foi lócus da pesquisa, a fim de compreendermos melhor a pesquisa realizada por Ferreiro e Teberosky (1999) e identificarmos o nível psicogenético da turma.

A pesquisa ocorreu, concomitantemente, em duas salas de aulas de duas escolas públicas de Fortaleza. A primeira escola, que aqui será identificada por escola A, fica localizada

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

na periferia de Fortaleza e atende crianças desde a educação infantil até o sétimo ano do ensino fundamental Anos Finais, totalizando quase mil alunos, que se dividem entre os turnos de manhã e tarde.

Já a segunda escola, que será aqui identificada como escola B, também localizada na periferia de Fortaleza, atende crianças do Ensino Fundamental Anos Iniciais - 1º ao 5º ano - sendo atendidas em torno de 400 crianças nos turnos manhã e tarde.

A escolha da turma que serviria de lócus da pesquisa, inicialmente, tinha como requisito que fizesse parte do ciclo de alfabetização. Vale destacar que, atualmente, a versão final da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) (2018), defende que a alfabetização deve ser efetivada em dois anos, o que culminou com o fim do Ciclo de Alfabetização sendo antecipado, que passou do 3º ano para o 2º. Entretanto, como na escola A as crianças do primeiro e segundo ano estavam se preparando para as avaliações externas, fomos orientados pelo diretor da instituição a realizarmos a pesquisa em uma turma de infantil V, sob a justificativa de que essas crianças estavam iniciando seu processo de alfabetização.

Esclarecida essas questões, nos deteremos em apresentar as professoras sujeitos da pesquisa: Professora I, que atua na escola A, e professora II, que atua na escola B.

A professora I é formada em Pedagogia, trabalhou 9 anos com cursos profissionalizantes e há 4 trabalha com alfabetização. No período da pesquisa, estava há três meses com a turma, pois havia sido contratada para substituir a professora titular, que estava de licença maternidade. Em decorrência do pouco tempo que está com a turma, a professora ainda não possui intimidade com os alunos, o que se reflete no comportamento das crianças que são extremamente inquietas.

A professora II também é formada em Pedagogia e atua há 22 anos com educação infantil e séries iniciais. Na escola não atua apenas como professora de português, ela também é responsável pelas disciplinas de história e geografia. As crianças eram envolvidas e estavam entusiasmadas com as atividades propostas nos dias de observação.

CONCEPÇÃO DE ALFABETIZAÇÃO

O caminho sobre as concepções de alfabetização incorporou mudanças quanto ao seu conteúdo e métodos durante os anos. Neste desenrolar desenvolveram-se técnicas, percepções e teorias sobre alfabetização. Para este trabalho iniciaremos a discussão na perspectiva de Tfouni (1995) que ao dissertar sobre o tema reflete sobre um conceito de alfabetização difundido a partir de duas vias, a via de escolarização e pela via sócio-interacionista.

A via da escolarização se refere a uma aprendizagem de regras para realização de uma atividade determinada, sendo esta no caso, uma habilidade a ser desenvolvida dentro do processo escolar. A autora destaca este momento como uma alfabetização que é concebida para um fim, com objetivos traçados, longe da completude nos processos envolvidos na aprendizagem de leitura e escrita:

Como processo que é, no entanto, parece-me antes que o que caracteriza a alfabetização é a sua incompletude, e que a descrição dos objetivos a serem atingidos deve-se a uma necessidade de controle mais da escolarização do que a alfabetização (TFOUNI, 1995, p.15).

Assim, a autora ressalta a perspectiva de alfabetização a partir de um conjunto de habilidades técnicas as quais são utilizadas para atingir objetivos prescritos pela escola. Nesta perspectiva, até os anos 80 no Brasil, o ensino da língua portuguesa na escola era traçado por métodos com objetivos voltados a aprendizagem sistemática desta língua, Soares (2004, p.98) retoma este período destacando como um período de alternância entre métodos, mas partido de um conhecimento de fora para dentro baseado na memorização. A preocupação é direcionada a apropriação do sistema alfabético ao que Tfouni (1995) refere-se a este período de escolarização, em que a aprendizagem era voltada aos passos sistemáticos da aquisição de um código.

Em contrapartida a autora disserta sobre a alfabetização fundamentada na corrente teórica do sócio-interacionismo. O sócio-interacionismo vai de encontro a perspectiva de escolarização, pois, considera a complexidade do processo de alfabetização envolvendo não apenas as relações de fonema-grafema, mas também é considerado o uso e interpretação da língua escrita e falada em seu contexto social.

Ainda nesta perspectiva a autora refere-se a pesquisa de Ferreiro e Teberosky (1985) a qual propõe uma teoria sobre o processo de aquisição de leitura e escrita com bases psicogenéticas do conhecimento. Para Ferreiro e Teberosky (1985) “a assimilação entre a concepção sobre a natureza do objeto a adquirir - o código alfabético - e as hipóteses acerca do processo tem levado a confundir métodos de ensino com processos de aprendizagens” (p.20). Assim, em sua pesquisa não é proposto um método, mas uma reflexão e uma teoria sobre os processos da criança durante a sua aprendizagem da escrita.

Trabalharemos agora com um segundo conceito inerente às concepções de alfabetização: Letramento. O letramento emerge nas discussões da psicogênese da língua escrita em que é exigido dos recém-alfabetizados a capacidade de ler, compreender e produzir

pequenos textos (MORAIS, 2012), pois seu conceito refere-se à capacidade do indivíduo de precipitar o seu mundo e seus conhecimentos prévios como repertório de produção e compreensão da língua.

Desta forma, falar sobre alfabetização é também incorporar o letramento. Adotamos, portanto, o entendimento de que “a alfabetização só tem sentido quando desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e de escrita e por meio dessas práticas, ou seja, um contexto de letramento e por meio de atividades de letramento [...]” (SOARES, 2004, p. 97).

A partir dessas concepções será explorado a seguir uma reflexão sobre práticas pedagógicas na alfabetização desenvolvidas pela via sócio-interacionista.

POSSIBILIDADES DE ESTRATÉGIAS EM CADA HIPÓTESE

Tendo como base as definições dos níveis psicogenéticos em Ferreiro e Teberosky (1985), será abordado neste tópico possibilidades de estratégias para o desenvolvimento de cada hipótese apresentadas na pesquisa de Coutinho (2005). Entendemos que essas estratégias podem ser implementadas na prática pedagógica de professores alfabetizadores.

O conhecimento das características de cada hipótese é primordial, pois, a partir desses dados é possível planejar atividades que estimulem as crianças o desenvolvimento de sua hipótese. Baseado no conhecimento das características de cada uma podemos refletir sobre os aspectos da leitura e da escrita os quais precisam ser desenvolvidos, portanto, neste tópico, será destacado apenas sugestões de atividades baseadas em Coutinho (2005), compreendendo que cada sujeito e contexto escolar permite e possibilita ao professor a flexibilidade dessas atividades a fim de atender a demanda das crianças.

No período pré-silábico as crianças tendem a grafar sem corresponder sonoramente as palavras, portanto é necessário trabalhar de modo que estimule esta associação. A autora supracitada sugere que:

[...] atividades de análise fonológica, em que os alunos serão desafiados a perceber que palavras que começam (aliteração) ou terminam com o mesmo som (rima) têm a tendência a ser escritas com o mesmo grupo de sílabas ou letras. A exploração oral, mas, sobretudo, escrita de poemas, trava-línguas, parlendas e outros textos que possibilitem a exploração de sons iniciais e finais são bastante interessantes nesta fase. (COUTINHO, 2005, p.54)

Esta sugestão possibilita às crianças a reflexão sobre a associação de som e palavra, fazendo com que as crianças olhem, explorem e investigem a palavra e suas possibilidades.

Uma outra sugestão para este nível de hipótese é trabalhar com as crianças palavras estáveis e textos memorizados (Coutinho, 2005), pois, as palavras e textos memorizados ganham uma nova forma no papel, associando a pauta escrita junto a pauta sonora.

No período silábico, a autora relata o momento de hipótese quantitativa e qualitativa. Na hipótese quantitativa a criança se preocupa ao aspecto quantitativo da palavra associando cada som a uma letra. Na hipótese silábica qualitativa, tendo em vista o repertório de letras do alfabeto que ele já tem acesso, a criança já começa a perceber a relação sonora das palavras. Para isso Coutinho (2005, p.59) sugere a atividade de ditado, com objetivos claros sobre a atividade o professor pode explorar a escrita das crianças e se aproximar das suas hipóteses.

O uso sugerido do ditado propões ao profissional de educação momentos de conflitos e questionamentos importantes para o desenvolvimento da escrita do indivíduo. A defesa da autora se dá no sentido de auxiliar o processo de ensino-aprendizagem através de uma reflexão do sujeito sobre seus escritos, baseando-se na perspectiva do sujeito que atua e explora seu ambiente (AZENHA, 1995, p.60). A criança deve testar e ser questionada sobre sua produção, pois, para o avanço psicogenético é necessário a reflexão através de atividades que explorem a conjuntura das palavras a partir daquilo que os alunos já sabem. A autora também sugere que neste período seja estimulado a reflexão sobre o que é cada parte da palavra, se fazendo compreender que a menor parte da palavra é a letra e que juntas formam sílabas.

A autora reúne as sugestões para o período silábico-alfabético e alfabético em um só bloco, pois, considera-se que a criança na hipótese silábico-alfabética “está muito próxima da escrita alfabética, e os desafios e conhecimentos a ser consolidados são bastante parecidos” (COUTINHO, 2005, p.61)

Nessas hipóteses a criança já representa a pauta sonora e começa a internalizar a composição da palavra em partes maiores e menores. Conseqüentemente, é necessário que seja trabalhado com as crianças a discussão sobre a ortografia e a escrita convencional das palavras. Para isto a autora sugere “[...] a realização de cruzadinhas. Nessas atividades, a existência de “quadrinhos” a ser completados leva o aluno a pensar em todas as correspondências necessárias para se escrever uma palavra.” (COUTINHO, 2005, p.63)

Atividades as quais decompõe a palavra permite a reflexão já relacionada à ortografia da mesma. É proposto também pela autora que nestes períodos seja introduzido o

trabalho com a letra cursiva tendo em vista que “as crianças já não apresentam tantas dificuldades em decidir quantas e quais letras usar para escrever” (COUTINHO, 2005, p.63)

O trabalho com palavras estáveis permanece durante todo o caminho da criança. Partir do nome da criança, por exemplo, é um instrumento importante para começar os primeiros conflitos acerca da escrita, além de partir da realidade própria da criança para melhor entender as palavras em sua volta.

É importante ressaltar que não é de interesse deste tópico levantar métodos de alfabetização, bem como este não foi o intuito da autora supracitada nos exemplos. O intuito deste tópico é precipitar possibilidades a partir da conceituação de cada nível da criança.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Professora I - infantil cinco

A partir das aulas observadas, do levantamento da estrutura física e do ambiente da escola e das entrevistas, constatamos que a professora I prioriza o **trabalho com palavras estáveis (o nome próprio) e a contação de história**, visto que essas duas atividades foram bem exploradas. De acordo com ela, no infantil cinco, o trabalho com alfabetização ainda é muito primário e a única recomendação da prefeitura é que o aluno, ao término da Educação Infantil, saiba escrever o próprio nome.

Atualmente, a Base Nacional Comum Curricular (2018) coloca como objetivos de aprendizados a serem alcançados ao final da educação infantil que a criança tenha mais autonomia, saiba construir uma boa convivência com o outro, consiga expressar-se utilizando diferentes linguagens, tenha domínio de sua oralidade, demonstre compreensão da função social da escrita e da leitura, entre outras recomendações.

Apesar de o documento não falar explicitamente sobre o trabalho com palavras estáveis, deixa claro que na educação infantil as crianças devem ter contato com a leitura e a escrita. E que, através do contato com diferentes gêneros, sejam capazes de conhecer suas principais características e saibam que a escrita e a leitura são utilizadas para comunicar, como fonte de prazer, como registro, isto é, conheçam e sejam capazes de utilizar suas funções. Estas aprendizagens requerem, portanto, práticas de letramento por parte dos professores e da escola.

No ambiente da sala de aula e na escola como um todo não parece haver uma preocupação em apresentar para as crianças a função social da escrita, em outras palavras, em oferecer um ambiente letrado, os poucos cartazes presentes na escola apenas fazem referência aos resultados das avaliações externas. Na sala, há apenas tarjetas com o nome das crianças nas paredes e um local intitulado “cantinho da leitura”, que possui alguns livros e não parece ser muito frequentado, exceto nos momentos de contação de história.

O teste de quatro palavras e uma frase, realizado com as crianças, demonstrou que a maioria está no nível pré-silábico, no entanto algumas já estão alfabéticas. Identificar o nível não significa rotular as crianças, mas nos permite compreender de onde iremos iniciar nosso trabalho. Essa hipótese engloba diversas características de escrita, entretanto podemos definir como sua principal característica o fato de que crianças desse nível ainda não compreendem que a escrita é a representação da fala (dos sons) (COUTINHO, 2005).

A primeira atividade envolvendo nome próprio consistia nas crianças formarem seu nome utilizando massa de modelar, as crianças que já sabiam escrever sozinhas não demonstraram dificuldade. Já as que ainda apresentavam algumas dificuldades copiaram o nome de uma tarjeta que estava colada na parede, as quais tinham acesso. A segunda atividade desse gênero ocorreu após a contação de história e consistia nas crianças escreverem o próprio nome, para assinarem após fazerem um desenho sobre a história que ouviram.

De acordo com Coutinho (2005), perceber a correspondência fonema grafema é, portanto, o principal objetivo de aprendizagem para as crianças que estão no pré-silábico. A fim de atender esse objetivo, a autora recomenda que o professor invista em atividades que envolvam palavras estáveis, isto é, palavras que são conhecidas pela criança. Pois potencializa a possibilidade de que ela perceba que sempre que está escrita determinada sílaba, se lê de determinada forma. Justifica-se, portanto, o trabalho com o nome próprio, assim como realizado pela professora.

Entretanto, as duas atividades com o nome próprio resumiram-se a cópia das tarjetas e simples repetição. Em nenhum momento a professora refletiu com a turma sobre a composição da palavra ou letra final e inicial. Não explorando o potencial envolvido no trabalho com palavras estáveis. Este tipo de abordagem pode ser indício de uma prática que acredita que o aprendizado da escrita é decorrente do treino, da cópia e do esforço repetitivo.

Outra atividade enfatizada pela supracitada professora é a leitura de história. Enquanto lia, ela apontava o que estava sendo lido, destaca também as figuras do livro, buscando envolver as crianças formulando perguntas sobre os personagens e o enredo da história. Criando um momento de muito aprendizado. Vale destacar que, como citado anteriormente, é uma turma

muito agitada, mas durante a história, as crianças ficam envolvidas, ouvindo atentamente e respondendo às indagações feitas

De acordo com Grossi (1990), é importante que o professor que atua com crianças que se encontram no pré-silábico invista no trabalho com leitura. Destacando que essa leitura deve ser acompanhada de indagações sobre onde se lê (figuras ou letras?) e informações referentes à orientação da leitura (da direita para a esquerda e de cima para baixo). Ao final dessa atividade, a professora fez algumas perguntas a fim de estimular o reconto oral da história. Após, pediu que as crianças criassem um animal novo, assim como o personagem da história, o desenhassem e escrevessem o seu nome (nome da criança - atividade já citada acima)

Professora I –Terceiro ano

Nos períodos observados em sala e da escola foi possível perceber a valorização de **práticas voltadas ao letramento**. O ambiente da sala e da escola possui cartazes informativos e produções das crianças. Na sala de aula de aula observada, as paredes tinham texto sobre as regras da sala, cartazes com os dias da semana e os meses do ano, o alfabeto em letra cursiva e letras de fôrma, maiúsculas e minúsculas.

Refletimos a importância dessas intervenções para o uso social da escrita, uma vez que é necessário que este conhecimento seja contextualizado e que o aluno perceba a importância de ler e escrever. Segundo Soares (2003) o letramento é o ato de cultivar e exercer a prática social da leitura e da escrita, portanto, a escola precisa dispor de elementos necessários que envolva a criança nesse universo.

Dessa forma, a acolhida das crianças é realizada através da contação de histórias, após a contação da história é feita a agenda. O título do texto era ‘‘O cotidiano das cidades’’, a professora antes de iniciar a leitura indagou aos alunos o significado da palavra cotidiano para construir o conceito. Observamos a atenção da professora para a hipótese dos alunos sobre o significado da palavra e nos remetemos a pesquisa de Ferreiro e Teberosky (1985) apud Azenha (1995, p.41), sobre a Psicogênese da língua escrita, ‘‘ao ingressar na série onde começa a ocorrer o ensino sistemático das letras, a criança já detém uma grande competência linguística’’. A professora na atitude de questionar a criança e construir o conceito se mostra atenta aos conhecimentos prévios do aluno considerando suas experiências para a construção do novo conhecimento.

A professora indica a leitura com as mãos, mas em outras apenas lia com eles devagar sem, apontar as palavras. Ferreiro e Teberosky (1985 p.58) relatam em sua pesquisa que para

criança não é necessário saber apenas o que é direita, esquerda, acima ou abaixo, é necessário que “algum informante tenha transmitido esta informação, seja verbalmente ou tendo lido textos às crianças, enquanto assinalava com o dedo as palavras lidas”. Sendo assim, essa atitude do professor deve ser reforçada para que a criança internalize a forma convencionalmente correta da leitura.

A sondagem não foi realizada com todos alunos. A professora afirma que a turma é mista, devido a disponibilidade da escola foi feito com três crianças, em que, a professora afirma, em níveis diferentes. Com o teste quatro palavras e uma frase foi possível identificar, duas crianças silábico-alfabéticas, o que quer dizer que elas já conseguem fazer a relação fonema-grafema convencionalmente na maioria das palavras que escrevem, embora oscilem entre grafar as unidades menores que a sílaba (COUTINHO, 2005, p.60). Já a terceira criança demonstrou estar no nível alfabético, neste nível as crianças percebem que as letras representam unidades menores do que as sílabas” (COUTINHO, 2005, p.61).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo a prática pedagógica resultado de fenômenos que interagem em um jogo de forças (FRANCO, 2016), a prática da professora I parece ter sido afetada pela sua pouca intimidade com a alfabetização, visto que durante maior parte de sua vida atuou em cursos profissionalizantes e também pelo fato de trabalhar há pouco tempo naquela escola e com aquela turma. No entanto, testemunhamos seu esforço em inserir as crianças no universo da leitura e da escrita.

Já a prática da professora II, que tem uma prática baseada no letramento, demonstra sua preocupação com este elemento até mesmo durante as aulas de história. Como citado, a escola tem uma preocupação em oferecer um ambiente letrado para as crianças. O comportamento em sala de aula da professora, pode, então, ser resultado de uma cultura escolar que percebeu a importância do letramento, principalmente na escola pública.

Em suma, podemos concluir que é importante para as professoras do ciclo de alfabetização conhecerem as hipóteses que as crianças possuem sobre a escrita para a partir organizarem as práticas a serem desenvolvidas, selecionarem recursos que maximizem a potencialidades destas crianças.

Percebemos também que a prática pedagógica de professoras que trabalham com alfabetização e as estratégias que utilizam em sala de aula são reflexo de uma gama de fatores,

podemos citar como principais influenciadores: a formação inicial, a formação continuada, a relação com a gestão escolar, a concepção de Pedagogia, a visão de mundo e de crianças.

Com essa pesquisa podemos concluir o imperativo de um trabalho de toda a comunidade escolar na construção de um ambiente letrado e atrativo, que proporcione aos alunos o contato com a função social da leitura e da escrita. Principalmente, nas escolas públicas, local que para alguns alunos é a única fonte de acesso ao conhecimento produzido historicamente pela humanidade.

REFERÊNCIAS

AZENHA, Maria das Graças. **CONSTRUTIVISMO: De Piaget a Emilia Ferreira**. São Paulo: Ática, 1995.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, SEB, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/06/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 25 set.. 2018

COUTINHO, Marília de Lucena. **Psicogênese da língua escrita: O que é? Como intervir em cada uma das hipóteses? Uma conversa entre professores**. Pernambuco: Autêntica, 2005.

FERREIRO, Emília e TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1985.

FRANCO, Maria Amélia. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, DF, v. 97, n. 247, sep./dec. 2016.

GROSSI, Esther Pillar. **Didática da alfabetização**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MORAIS, Arthur Gomes. Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética. **Se a escrita alfabética é um sistema notacional (e não um código), que implicações isto tem para a alfabetização?** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995.